



FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE E A EXPERIÊNCIA DO PIBID COMO “ABRIDOR DE AMANHECER”

Sandra Monteiro Lemos¹

Eixo Temático: 2. Docência e formação de professores

RESUMO EXPANDIDO

No “livro sobre nada”, Manoel de Barros, diferentemente de Flaubert – que também escreveu livro sobre o nada, porém falando do nada a partir de um livro que presa o estilo –, nos desafia a pensar sobre seu desejo de escrever um livro sobre o “nada mesmo” (BARROS, 1996, p.7). Nessa escrita o autor falaria da possibilidade de ampliarmos nossos pensamentos, como um “abridor de amanhecer”. Nesse sentido, e ao reconhecer a incompletude como a maior riqueza humana, o autor nos impulsiona a seguir em frente, buscar o novo, o ainda não feito.

O parágrafo acima é um breve convite para várias reflexões. Contudo, considerando a importância urgente de pensarmos a formação de professores, elegi a docência, para pensarmos as possibilidades que o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID - vem nos desafiando a pensar.

Na contemporaneidade assistimos a uma abundância de discursos sobre a educação e a escola, advindos das mais diversas áreas e perspectivas: alguns criticando a educação e a escola que temos ou aquela que (nos) falta; outros apontando culpados pelos seus fracassos de diversas ordens; outros tantos buscando e propondo possíveis soluções para seus problemas, seja adotando e sugerindo “novas” estratégias para mudanças –

¹ Doutora e Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Graduada em Pedagogia pela mesma Universidade. Atualmente é professora adjunta da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS, unidade Montenegro, dos cursos de licenciatura em Artes Visuais, Música, Teatro e Dança. É Coordenadora Adjunta do Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGEd/UERGS - Unidade Litoral Norte. Também coordena o Programa Institucional de bolsas de iniciação à docência - PIBID/UERGS e atua como coordenadora estadual do FORPIBID/RS. E-mail: sandralemos.m@terra.com.br



envolvendo currículos, metodologias, formação docente, maneiras de gestão, ou mesmo colocando a educação e a escola no divã, na delegacia, no consultório, dentre outros lugares e espaços.

Estudos sobre formação de professores – seja inicial ou continuada – vem há muito tempo tendo presença garantida em seminários e congressos de educação. O tema vem sendo foco de reflexões tanto na academia, quanto fora dela.

Nos congressos e eventos da área da educação as discussões têm permeado sobre qual seria a formação ideal ou necessária do professor do ensino básico (fundamental e médio) e, mais recentemente, do professor de ensino superior (PIMENTA e ANASTÁSIU, 2002; MIZUKAMI, 2006; CUNHA, 2008), numa demonstração ostensiva de insatisfação generalizada com relação aos modelos formativos vigentes, principalmente nos cursos de licenciatura. No entanto, há consenso entre alguns pesquisadores de que dessa ampla e continuada discussão, não têm emergido propostas que ultrapassem o nível de recomendações abstratas sobre a necessidade de "sólida formação dos educadores", da "integração de teoria e prática", da "interdisciplinaridade" etc. Muitos de nossos licenciandos resistem em estudar teorizações sobre Didática, talvez porque, de uma forma ou de outra, a maioria dos professores aprenderam a ensinar com sua experiência e com os “modelos de professores”, dos quais foram alunos. Tais modelos foram sendo construídos desde muito cedo, pois o professor é, muito provavelmente, um dos primeiros profissionais que temos contato na infância e passamos boa parte com ele, até a idade adulta. Nesse sentido, é possível entender o quanto os discursos sobre a educação caracterizam-se por serem historicamente construídos, envolvidos em formas de saber e relações de poder.

Por outro lado, ao se discutir sobre a formação de professores, é imprescindível pensarmos sobre a construção da identidade docente. Igualmente, é preciso atentar para os efeitos práticos e as políticas de verdade que os discursos veiculados pela mídia impressa, televisiva e cinematográfica têm ajudado a configurar, operando na fabricação de determinados “sistemas de significação implicados na produção de identidades e subjetividades, no contexto das relações de poder” (SILVA, 1999, p. 142)



Assim, ao colocarmos em suspeição alguns pontos que vêm sendo tomados rotineiramente no debate sobre a docência, podemos relativizar alguns discursos que almejam estar prontos e acabados. Nesse sentido, reportando-me a Veiga-Neto (2007), trata-se de abrir espaços para outras formas de pensar a educação e a docência diante de determinados discursos que pretendem ser salvacionistas, conscientizadores e libertadores.

Penso que embora já se tenha um grande repertório de discussões e teorizações sobre formação (inicial e/ou continuada) de professores haverá sempre espaço para mais, justamente devido à nossa “incompletude”, como diria Barros (1996). Para compreender os fenômenos educacionais que acontecem tanto nas escolas quanto nas universidades, será preciso não só intensificar os estudos como também fazer novas propostas, criar desafios para olhar e criar, quem sabe, o dito “novo”.

Pensar a formação docente, a partir do seu processo inicial, é pensar em desconstruções de pensamentos de que só se aprende com as “teorias” e os “grandes teóricos” ou que a formação docente seja exclusividade da academia. Ao partirmos da compreensão de que esta formação se dá na interação dos diversos conhecimentos que fundamentam a prática educativa, social e profissional, atravessados por diversas experiências, constitutivas do saber docente (Larrosa, 2001), encantos, desencantos, enfrentamentos e conquistas, se poderá dar visibilidade às posturas dos diferentes sujeitos e o modo como vão construindo sua identidade docente a partir do contexto educacional do qual fazem parte. Diante disso e, considerando as contribuições do Programa Institucional de Iniciação à Docência – PIBID desenvolvido na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS – (desde 2011), partindo do relato de bolsistas de iniciação à docência e de bolsistas supervisores de escolas, esse estudo reitera o potencial que tal programa tem conseguido no que se refere ao diferencial promovido na formação inicial docente.

Para o estudo foram selecionados relatos que mostram, por um lado, a participação de graduandos de Pedagogia, como bolsistas do PIBID, com seus orientadores e supervisores, e o modo como tal fato tem ampliado o espaço de discussões acerca das práticas e experiências que vivenciam no programa. Por outro lado, dá visibilidade a articulação entre a Universidade e as Escolas da Educação Básica, proposta pelo programa,



o qual vem possibilitando a condução dos processos de formação de professores através de diversas experiências pedagógicas, ricamente, construídas.

O conjunto de relatos abordam alguns dos resultados de uma profusa interlocução que vem acontecendo em nossa instituição. Através deles, bolsistas do PIBID/UERGS, graduandos do Curso de Pedagogia – das unidades de Alegrete, Bagé, Cruz Alta, do Litoral Norte, de São Francisco de Paula e de São Luiz Gonzaga – e supervisoras, professoras de escolas da Educação Básica, explicaram, detalhadamente, como vivenciam seus aprendizados, as atividades que realizaram e o modo como, de certa forma, estariam construindo sua identidade docente.

Os relatos discorrem sobre atividades desenvolvidas e que, segundo suas autoras, proporcionaram aos alunos – da Educação Infantil, da Educação Básica e até na Educação de Jovens e Adultos, aprendizagens significativas e prazerosas, articulando de forma lúdica, a alfabetização, o letramento, as artes e as questões ambientais. Igualmente, ao analisar o material, foi possível concluir como, de alguma forma, a identidade docente foi sendo construída através de experiências praticadas e teorizadas.

Ao proceder a análise de algumas das práticas desenvolvidas pelos referidos bolsistas em escolas de Educação Básica é possível afirmar ser o PIBID um dos caminhos possíveis para a “reinvenção” da escola. O programa seria tal como um “abridor de amanhecer” ou ainda, mais especificamente, como uma das mais eficientes políticas públicas de formação inicial docente de que se tem notícia nos últimos tempos.

Palavras-chave: Formação inicial docente; PIBID; Potencialidades.



Referências:

BARROS, Manoel de. **Livro sobre nada**. Rio de Janeiro: Editora Record. 1996 – 3ª Edição.

CUNHA, Maria Isabel. **O bom professor e sua prática**. Campinas: Papirus, 1988.

_____. **Pedagogia universitária: inovações pedagógicas em tempos neoliberais**. Araraquara/SP, JM Editora, 2006.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola. 1996.

GARCIA, Maria Manuela Alves; HYPOLITO, Álvaro Moreira; VIEIRA, Jarbas Santos. As identidades docentes como fabricação da docência. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 45-56, jan./abr. 2005.

LUDKE, Menga; BOING, Luiz Alberto. Caminhos da profissão e da profissionalidade docentes. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 25, n. 89, dez. 2004. <Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010173302004000400005&lng=pt&nrm=isso > Acesso em 15/10/2016.